

O DIÁLOGO DA CIDADE COM A SUSTENTABILIDADE:

Uma análise de possibilidades

Autores: **LETICIA BARROSO e VERA F. REZENDE**

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Orientador: Vera F. Rezende

Email: leticiabarroso@gmail.com

RESUMO

Além das “Cidades Sustentáveis”, outras propostas se apresentam, tais como a “Cidade Inteligente, a “Cidade Compacta” entre outras. Esta pesquisa, em termos empíricos, trata de investigar duas cidades como casos referenciais, Volta Redonda, sediada no sul do Estado do Rio de Janeiro e Sorocaba, localizada no sudoeste do Estado de São Paulo. Essas duas cidades foram premiadas como umas das melhores do Brasil em qualidade de vida. Essa pesquisa pretende investigar se esses prêmios refletem de fato a qualidade de vida nesses locais. Nossa hipótese principal é que estas premiações não dialogam com a população local. Para tanto, a pesquisa conta com dados preliminares por meio de bibliografia, enquanto a pesquisa de campo será realizada através de entrevistas e oficinas, com o objetivo de investigar se os interesses da população foram contemplados nestas premiações e identificar a possibilidade de sistematizar um projeto sustentável para as políticas públicas.

Palavras chaves – sustentabilidade, urbanismo, cidade, qualidade de vida.

ABSTRACT

In addition to the "Sustainable Cities", other proposals are presented, such as the "Smart City", the "Compact City" among others. The propose of this research is to investigate two cities as reference cases, Volta Redonda, and Sorocaba, both located in southern region of Brazil. These two cities were prized as ones with the best quality of life in Brazil. The objective of this research is to investigate if these awards are actually reflecting these locations. Our main hypothesis is that these awards do not dialogue with the local population. Therefore, this research has preliminary data through bibliography while the field research will be through interviews and workshops in order to investigate whether the interests of the population were included in these awards and to identify the possibility of systematizing a sustainable project for public policy.

Key words - sustainability, urban planning, city, quality of life

1.INTRODUÇÃO

Durante muito tempo se pensou a cidade como lugar de modernidade e progresso em oposição ao mundo rural, considerado o lócus da tradição e do atraso. A cidade passou a ser identificada como campo da racionalidade e, simultaneamente, como fonte de fragmentação do cotidiano das pessoas. A cidade ainda continua a exercer grande atração nas pessoas que para ela se dirigem buscando novas oportunidades de vida.

E, neste contexto, um dos cenários da cidade é constituído de casas amontoadas, favelas ou de loteamentos com habitações pequenas, que se estendem ao longo do território, trata-se da periferia. E é na periferia que são abrigados aqueles que não conseguiram se instalar em lugares com melhores condições, lugares estes que são geralmente desprovidos de serviços essenciais à qualidade de vida. No começo, o que moldava a periferia, eram as pessoas mais ricas que se afastavam dos problemas da cidade industrial, tais como, a poluição do ar, entre outros, tornando este espaço uma espécie de gueto da elite. Posteriormente, emergem os subúrbios, em função da urbanização intensa, primeiro as periferias europeias, depois as norte-americanas e que também se encontram em outros países, inclusive no Brasil. A urbanização que teve início no Brasil no final da década de 1950 promoveu sérios impactos socioambientais nas décadas seguintes.

A sustentabilidade entra no cenário urbano, e é assimilada por um discurso de reconstrução das cidades, com propósito de fortalecer a governabilidade política frente à crise urbana. Assim, instaura-se como uma possibilidade de reelaborar um projeto de cidade, colocando na pauta questões como a fragmentação, a coesão social, a degradação ambiental, entre outras. Nesse sentido, o tema que percorre a pesquisa é a sustentabilidade, que emerge a partir da crise e aponta questões capazes de subsidiar ações para tornar a cidade mais justa. Primeiramente, é preciso considerar que uma cidade sustentável deve ser aquela que além de proporcionar um ambiente saudável deverá proporcionar a construção de espaços de diálogos sobre a sua reprodução na base material.

Uma reflexão mais profunda sobre sustentabilidade tem promovido estudos sobre práticas urbanas e também sobre metas e indicadores para o alcance de uma cidade sustentável. Nessa esteira, na busca de identificar quais cidades são sustentáveis, organismos nacionais e internacionais criaram Programas para medir a sustentabilidade das cidades. Portanto, a partir de dois municípios premiados como cidades sustentáveis, o artigo tratará da pesquisa que tem por objetivo investigar se essa elevação à categoria de melhores cidades refletem no ambiente urbano real dos moradores destes locais, os atributos de satisfação, pertencimento, ou seja, um bom lugar de se viver.

Esta pesquisa, em termos empíricos, trata de investigar duas cidades como casos referenciais, a cidade de Volta Redonda, sediada no sul do Estado do Rio de Janeiro, construída na década de 1940 para abrigar a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, projeto estratégico, visando ampliar o desenvolvimento do país. Atualmente, Volta Redonda possui 257.803 habitantes, conforme Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2010). E, a outra cidade é Sorocaba que está localizada na região do sudoeste do Estado de São Paulo, com 586.311 habitantes, sendo 98,9% residentes na área urbana (IBGE, 2010).

O que é comum nestas duas cidades? São cidades premiadas como uma das melhores cidades do Brasil. Sorocaba foi premiada em 1º lugar no Programa Cidades Sustentáveis,¹ em 2014, e 1º lugar no Programa do Município VerdeAzul² em 2013. Este Programa vem sendo aplicado no Estado de São Paulo desde 2007, por meio da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Estes prêmios se referem aos programas ambientais implantados pelos municípios.

Volta Redonda na classificação da Delta Economics & Finance/América Eco, ficou em 36º lugar entre as 100 melhores cidades brasileiras. No Estado do Rio, Volta Redonda, com 46,27 pontos ficou entre as três melhores grandes cidades. Estes dados divulgados em dezembro de 2014 resultam de uma pesquisa, que envolve as 100 melhores grandes cidades do país. Fundada em 2000, a Delta Economics & Finance é uma empresa brasileira de consultoria, que elabora estudos e pesquisas sobre temas econômicos, financeiros

¹ O Programa Cidades Sustentáveis tem como objetivo contribuir com as próximas gestões municipais no sentido de implementar instrumentos de planejamento e execução de políticas públicas que considerem a sustentabilidade como transversal a todos os projetos e ações dos poderes executivos e legislativos municipais, além do devido comprometimento dos setores privados e das sociedades locais.

² Lançado em junho de 2007, o projeto Município VerdeAzul visa a descentralização da agenda ambiental nas cidades paulistas. Para participar, cada município deverá assinar o “Protocolo de Intenções” com a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, que determinará as ações necessárias para que o município se certifique.

operacionais. Além disso, Volta Redonda está entre as 15 cidades mais bem colocadas na mensuração do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal em 2013. Basicamente, são levados em conta três itens: vida longa e saudável (longevidade), acesso ao conhecimento (educação) e padrão de vida (renda). A cidade é a quarta colocada na classificação estadual e a 220ª em termos nacionais (com 5.565 municípios).

Nossa hipótese principal é que a cidade que foi elevada à categoria de cidade sustentável, por meio dos Programas acima citados, não dialoga com a população local e, portanto, assim desvendar outros elementos que não foram considerados, dentro da perspectiva das pessoas que ali vivem. Outra hipótese seria de que os indicadores mensurados não abordaram aspectos relacionados à integração do homem com a cidade, entre elas: participação, segurança e usos dos espaços públicos, entre outros.

2.OS MODELOS E SEUS PRINCIPIOS

As conferências internacionais vêm apontando caminhos para o equilíbrio entre a vida humana e o meio ambiente. Em 1972, foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente- PNUMA, oriundo da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em 1972.

Em 1987, a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada com a finalidade de avaliar os problemas ambientais do mundo, apresentou o Relatório Brundtland, lançando o conceito de desenvolvimento sustentável, “aquele que atende às necessidades do presente, sem comprometer as possibilidades das gerações futuras satisfazerem as suas necessidades.”

Nos termos do Relatório Brundtland, a sustentabilidade se acopla a um novo padrão de crescimento econômico que deve ser garantido. Nesse sentido, Herculano (2006:308) afirma que o “desenvolvimento sustentável ‘seria uma correção’, uma retomada do crescimento, alterando a qualidade do desenvolvimento, a fim de torná-lo menos intensivo de matérias primas e mais equitativo para todos.”

No Brasil, a expressão Cidades Sustentáveis, está presente no Estatuto da Cidade, aprovado, Lei Federal 10.257, de 10/07/2001, sendo uma de suas diretrizes gerais a “garantia do direito à cidades sustentáveis entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer para as presentes e futuras gerações”.

Além das Cidades Sustentáveis, diversos autores têm apresentado como alternativas, modelos de cidades, que se apresentam como aquelas capazes de proporcionar as dimensões de uma cidade ideal. Uma delas é o Novo Urbanismo, que surge em 1996 nos Estados Unidos, uma iniciativa de urbanistas, que tem por objetivo integrar a cidade baseados em 27 princípios constantes na “Carta do Novo Urbanismo”, constituída de três escalas (região/metrópole, cidade/bairro, distrito/quarteirão, rua prédio). Outro modelo é a cidade Inteligente, baseada no conhecimento avançado, sendo aquelas que inserem novas formas de tecnologia da informação e comunicação para garantir a melhoria da gestão da cidade. O modelo Cidade Compacta propõe uma densidade adequada, e, por meio desta, ser capaz de promover a integração das funções urbanas buscando formas de conjugar uma rede de mobilidade eficiente e, ainda, a Cidade Resiliente, que se relaciona com os sistemas naturais. Por conta do aumento do número de ocorrências dos desastres naturais, tais como, enchentes, inundações, deslizamentos, entre outros, a Organização das Nações Unidas –ONU, desde 1960 vem trabalhando para desenvolver programas, ações no sentido de prevenir, reduzir e responder às estes impactos além de recuperar os danos destes.

O Novo Urbanismo se apresenta com o objetivo de implementar uma outra estruturação urbana pautada em novos usos, novo estilo de vida e evitar a ocupação dispersa. E quando inicia este processo? Na década de 1990, mais especificamente em 1996. O Novo Urbanismo³ foi lançado como uma reação ao espraiamento

³ Em outubro de 1993, foi realizado o I Congresso do Novo Urbanismo (I CNU), na cidade de Alexandria, estado da Virgínia, nos Estados Unidos com a participação 170 profissionais afinados como a temática do planejamento urbano. Em 1996, foi realizado o IV Congresso, IV CNU, em Charlestown, Carolina do Sul e foi assinada a Carta do Novo Urbanismo por 266 participantes.

das cidades, “Spraw”, tendo como uma das referências projetuais o Garden Cities.⁴ Andres Duany e Elizabeth Plater Zybert⁵ foram os maiores promotores do Novo Urbanismo.

Na introdução da carta do Novo Urbanismo lê-se: O Congresso para o Novo Urbanismo vê o desinvestimento nos centros urbanos, a proliferação de expansões urbanas sem sentido, o aumento de segregação por raça ou nível de rendimento, a degradação ambiental, a perda de solos agrícolas e espaços naturais e a erosão do patrimônio edificado como um único desafio para o futuro das comunidades. Assim, ao planejar a partir dos princípios do Novo Urbanismo tem-se que adotar sistemas regionais, disponibilizar habitações acessíveis a diferentes classes econômicas, redução de percursos de forma a incentivar o uso de bicicletas e caminhadas, promovendo no morador sentimentos de pertencimento do lugar em que vivem. Além destas intenções o Novo Urbanismo evoca o sentido de Neotradicionalismo, que contempla comunidades menores e assim, despertar o sentido de vizinhança. Entendido da seguinte forma: o acesso aos serviços fácil, com grades de ruas que possa propiciar um caminhar agradável. Este formato exige proximidade de lojas, residências e outros serviços. Habitar não seria diferente, há que ter variedades de tipologias, estética, espaços públicos que reforcem um novo estilo de vida. Seaside⁶ é a cidade representa o Novo Urbanismo, localizada em Santa Rosas Beach, no município de Walton, a noroeste do Estado da Flórida, Estados Unidos da América. Sua construção teve início em 1978 e foi inaugurada em 1982.

Neste momento cabe-nos perguntar se esse modelo tem conduzido a um lugar melhor de viver, mais agradável, menos congestionamentos de tráfego, próximo dos serviços, ciclovias, menos custo, mas tranquilidade e apropriação do lugar em que vivem? Serão estes princípios aplicáveis a todos os espaços? Estão realmente reduzindo o espraiamento das cidades? O que falar dos princípios estabelecidos e sua relação com a prática? Quais as limitações entre princípios e o que ocorre na realidade? Ao se falar de modelos de cidades, cidades ideais, a imagem que se apresenta é aquela que reúne componentes que atendam a todas as necessidades humanas, sem conflitos contradições e sem problemas. Os utópicos se arvoram em pensar uma cidade ideal e uma sociedade ideal. Harvey (2014) afirma que este modelo pretende a partir de uma ordem espacial estabelecer uma nova ordem social, ou seja, como se estas cidades já estivessem prontas, e todos os cidadãos contemplados.

Uma característica comum a todos esses projetos, e que autoriza chamá-los utópicos, é justamente o fato de que eles se colocam como uma proposta de algo melhor do que as cidades concretas. Ao lado destas concepções, Françoise Choay sustenta que as soluções dadas pelo urbanismo são de certa forma, apresentadas, não como um processo, mas como modelos de formatos e de ideias, como se estas cidades já estivessem prontas, e todos os cidadãos contemplados. Choay (2003:14) referindo-se a estes pensadores, afirma “que imaginam a cidade do futuro em termos de modelo. Em todos os casos, a cidade, ao invés de ser pensada como processo ou problema. É sempre colocada como uma coisa, um objeto reproduzível. É extraída da temporalidade concreta e torna-se, no sentido etimológico, utópica, quer dizer, de lugar nenhum.”

Como obter a sensação de vizinhança frente à sociedade contemporânea que tem como característica o individualismo e, portanto, está sob a orientação permanente do consumo? Estudiosos do Novo Urbanismo afirmam que este modelo contribui efetivamente para que os empreendedores construíssem cada vez mais cidades, fazendo aumentar a dispersão regional. Ao se referir às ocupações dispersas, Alex Krieger,⁷ publicou o texto “Whose Urbanism?” alertando para o marketing dos urbanistas envolvidos com estas propostas, entre outros problemas. Quanto à cidade Seaside, estudos a consideram como um empreendimento pontual e sem estabelecer uma conexão com a região, que é um dos princípios do Novo Urbanismo. Se a proposta do Novo Urbanismo é conter o espraiamento, o que se constata é que este modelo não é eficaz diante do alto crescimento dos subúrbios,⁸ além de uma grande preocupação com a

⁴ Garden Cities constituídos por seis magníficos boulevares - cada um com 36m de largura- cruzam desde o centro até a circunferência, transversalmente a cidade, dividindo-a em seis partes ou distritos iguais. No núcleo há um espaço circular de aproximadamente de 2,2ha, disposto como um belo e bem irrigado jardim e, ao seu redor, num amplo terreno próprio, estão os edifícios públicos- a sede da municipalidade, as principais salas para concertos e conferências, o teatro, a biblioteca, o museu, a galeria de arte e o hospital.(HOWARD.1996.p.115)

⁵ Arquitetos que fundaram a empresa Plater-Zyberk & Company (DPZ) , Florida, fundada em 1980, especializados no novo urbanismo nos Estados Unidos e em outros países.

⁶ Seaside é uma pequena cidade que ocupa uma área de 32,4 hectares com população entorno de 2.000 habitantes

⁷ Chefe do Departamento de Planejamento e Projetos Urbanos, GSD-Harvard.

⁸ Segundo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia entre 2000 e 2007 a população metropolitana cresceu mais que o restante do país. Segundo a Contagem Populacional de 2007 do IBGE, entre 2000 e 2007, a população metropolitana aumentou em torno de 6,5

estética frente à outras questões tais como densidade e mobilidade, é o que apontam alguns autores. Um ponto central do Novo Urbanismo é observar as tradições dos lugares e a cultura local. Mas, não se conhece exatamente os projetos e metas afinados com esta questão. Cabe perguntar, qual a importância de se conhecer esses aspectos?

No tocante à sustentabilidade o que se apresenta é uma preocupação com estratégias para minimizar o impacto ambiental, buscar técnicas arquitetônicas de orientação, quanto ao uso de ventilação, iluminação e o aproveitamento dos recursos naturais. Este pensamento nos remete à matriz discursiva de Acsehrad (2001) que revela que estes discursos tratam da representação técnico material das cidades, com a perspectiva da eficiência, em que a cidade sustentável será aquela que minimiza seus recursos naturais, otimizando os fluxos locais.

Com a perspectiva de estudar a problemática das cidades e apontar novos paradigmas, Jahn Geul (2014), Richard Rogers (2016), Marta Romero (2003) e Henri Acsehrad (2001) apontam que a cidade compacta se apresenta como aquela que poderia orientar o crescimento urbano, pela capacidade de promover a equidade, mais encontros nos espaços públicos, e as ruas ocupadas por pessoas, ou melhor, um conjunto de estratégias de intensificação do uso da cidade existente. Ao se pensar em projetar uma cidade compacta, deverá incorporar questões relacionadas ao aumento da população e de construções visando diminuir o uso de automóvel e, assim aumentar o transporte coletivo. Para tanto as áreas de expansão deverão ser limitadas e a formação de novas centralidades.

Em que momento se constituiu o discurso contemporâneo da cidade compacta? Foi no século XX, momento de intensa urbanização, período este em que diversos urbanistas declararam preocupações com a cidade entre eles Lewis Mumford (1961) que afirma que a cidade desaparecerá. Mas ainda permanecem os debates sobre a densidade e a restrição à dispersão. E, qual seria o tamanho ideal de cidade? No início do século XXI, outra variável entra no cerne da discussão que é a questão ambiental. Estas questões encontram ressonância tanto no Relatório Brundtland e Agenda 21.⁹ Estes dois documentos são referências dos conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável.

Seria então a Cidade Compacta, aquela que propõe uma densidade adequada, e por meio desta, ser capaz de promover a integração das funções urbanas buscando uma forma de conjugar uma rede de mobilidade urbana eficiente? Qual seria a densidade adequada? Farias (2015:12), em seus estudos, afirma que, “é improvável que haja um 'ideal' de densidade populacional urbana, já que se trata de um indicador afetado por variantes históricas e socioeconômicas. Todavia, diversos estudos apontam que há uma complicada série de interações entre densidade urbana e degradação ambiental.” Há muitos questionamentos sobre a cidade compacta, mas o maior deles se refere à concentração de serviços e empregos, o que acaba elevando os custos do solo, assim excluindo grande parte da população, ou seja, a promoção da desigualdade social. Burton em seus estudos apresenta uma série de fatores negativos e positivos relacionados à cidade compacta, sendo eles: Menores habitações; Habitações mais caras; Acesso deficiente aos espaços públicos; Níveis de criminalidade aumentados; Maiores taxas de mortalidade por doenças respiratórias. Mas também traz efeitos positivos como: Melhorias na utilização dos transportes públicos; Menos taxa de mortalidade por doenças mentais; Redução da segregação social; Mais espaços para caminhadas e ciclismo; Maior facilidade de emprego para a população com menos qualificações; mais acessos a serviços.

Ainda na década de 1990, inicia-se uma ampla discussão com o objetivo de buscar ações que minimizem os impactos gerados pela intensa urbanização. Neste momento o mundo se defrontava com diversos desastres que colocavam as populações em risco. Em 1994, foi realizada a Conferência Mundial sobre Redução de Risco de Desastres Naturais, em Yokohama-Japão, que resultou na elaboração do documento intitulado Estratégia e Plano de Ação de Yokohama para um Mundo mais Seguro.

O Centre for Research on the Epidemiology of Disasters _CRED registrou que entre os períodos de 1994 e 2013, aproximadamente 218 milhões de pessoas sofreram por conta de desastres naturais e, que 68 mil pessoas morreram. Nesse momento, a palavra de ordem seria a Resiliência.

Assim, a Organização das Nações Unidas - ONU, por meio da Campanha mundial para redução de desastres – construindo cidades resilientes, visando ampliar a consciência do maior número de governos

milhões de habitantes, ou seja, um aumento relativo de aproximadamente 10%, enquanto a população do restante do país teve um acréscimo de 6,5% desde o início da década até hoje.

⁹ Em 1992, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente teve como um dos resultados a elaboração de um documento denominado Agenda 21, apontando a necessidade de se promover um novo padrão de desenvolvimento.

locais para a construção de cidade resiliente. Para participar, o município terá que fazer a adesão por meio do envio de um formulário de inscrição e um ofício do prefeito para a Secretaria Nacional de Defesa Civil - SEDEC.¹⁰

A Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, em 2011, lançou no Brasil a campanha “Construindo Cidades Resilientes: Minha Cidade está se Preparando”¹¹ que dialoga com a Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD), coordenada pela Organização das Nações Unidas (ONU). O Brasil ficou na frente da Áustria (com 280), Líbano (254), Itália (130), Índia (130), Filipinas (113), Coreia do Sul (109), Ilhas Canárias (80), Sérvia (50) e Sri Lanka (47).

A construção de uma cidade resiliente exige que os gestores públicos e prefeitos o cumprimento de dez ações. Entre elas, é fundamental o envolvimento da comunidade e a construção de alianças locais, acesso à informação no que diz respeito aos problemas e gravidade dos riscos, construção de infraestrutura urbana visando a redução de riscos. Inclui também, programas educativos, regulamentação de construção, planejar o uso e ocupação do solo e proteger os sistemas naturais. Importante também enfatizar o desenvolvimento da capacidade de gestão frente aos desastres e as emergências.

No Brasil, a grande maioria dos desastres é de natureza hidrológica, com ocorrências de deslizamentos e enchentes. O Anuário Brasileiro de Desastres Naturais registrou que em 2011, 2370 municípios contaram com desastres envolvendo 12.535.401 pessoas e 1094 mortes. Em 2012, o Brasil lançou o Plano Nacional de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres Naturais e sancionou a Lei 12.608, que institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil – PNPDC, que trata também da gestão dos riscos e desastres e aponta ações de prevenção e a participação social. Mas sua aplicabilidade exige uma abordagem multidisciplinar por se tratar de questões que envolvem a geologia, hidrologia, meteorologia, biologia entre outras.

Ainda como proposta de dar conta da urbanização acelerada, o conceito de cidades inteligentes vem sendo apontada como uma solução para a gestão desse crescimento urbano desordenado. A Cidade Inteligente entendida como aquela que é baseada no conhecimento avançado e a utilização de novas formas de tecnologia da informação e comunicação. Para tanto, o uso da tecnologia da comunicação e informação seriam as bases para analisar, integrar os dados de um sistema visando conservar a energia, ecossistemas, diminuir a poluição atmosférica e hídrica, e prever desastres naturais, entre outros.

“As próximas décadas certamente serão do enfrentamento de algumas mudanças fundamentais os atuais padrões de desenvolvimento – por exemplo, 170 bilhões de Quilowatt-hora são desperdiçados no planeta devido à insuficiência de informações; R\$18 bilhões por ano é a perda na economia de São Paulo decorrente de congestionamentos” (Leite, 2012:172).

Isso se traduz em um melhor gerenciamento, requer inovação, conhecimento e um grande investimento em tecnologias de informação. Esses aspectos nos remetem a pensar que “as cidades do futuro serão inteligentes em diversos aspectos. Uma gestão inteligente do território será capaz de propiciar maior agilidade na gestão integrada *on line* das diversas mobilidades urbanas. Essencialmente, transporte público multimodal ágil e competente, como já há em diversas cidades desenvolvidas, mas também sistemas inteligentes de uso compartilhado de transporte individual, de bicicletas motorizadas a *smart city cars*. Assim, certamente teremos carros não mais como bens de consumo, mas como serviço avançado na sociedade urbana. Deixaremos de tê-lo pra usá-lo. Custará menos e será mais eficiente”. (Leite, 2012:172)

Para se considerar uma cidade inteligente, o Centre of Regional Science (2007) estabeleceu cinco quesitos importantes, são eles: a) competitividade e empreendedorismo, flexibilidade nas relações de trabalho; b) sociedade, cultura cosmopolita, bom índice de livros lidos por habitantes, tolerância étnica, atuação em atividades voluntárias, participação nas eleições; c) construção de um sistema de gestão pública participativo gerador de serviços públicos e sociais transparentes e dotados de perspectivas estratégicas; d) sistema logístico e mobilidade humana, construir meio eficientes de acessibilidade local e internacional, com um sistema sustentável não agressivo ao meio ambiente; e) meio ambiente e gestão adequada de espaços verdes, programas de reciclagem e proteção ambiental.

¹⁰ A campanha foi implementada por iniciativa da Secretaria Nacional de Defesa Civil (Sedec), do Ministério da Integração Nacional (MI) a partir de 2011 e se destina a qualquer município brasileiro interessado.

¹¹ A campanha define “Cidade Resiliente” como sendo aquela que tem capacidade de resistir, absorver e se recuperar de forma eficiente os efeitos de um desastre e, de maneira organizada, prevenir que vidas e bens sejam perdidos.

Portanto, coletar e sistematizar os dados são instrumentos fundamentais para a tomada de decisões, estabelecer estratégias de intervenção e orientar recursos, estes são os objetivos. Mas além destes aspectos, o que seria viável, ou melhor, inviável?

A participação da sociedade consta nos processos dos modelos anteriormente apresentados. Embora a Constituição Federal de 1988 garanta à sociedade o direito de tomar parte nos processos decisórios da gestão pública, sua efetiva aplicação ainda é um dos grandes desafios pela administração pública. Segundo entendimento de Herculano “a busca da participação vem se dando nas esferas públicas e privadas e diz respeito a uma cultura democrática, à acessibilidade e disseminação da informação, novas práticas de convívio e de negociação de conflitos”(2006:150). Entendemos que a sustentabilidade requer democracia, valores e instrumentos necessários à sua consecução. Entendemos também, que este é um processo dinâmico. Mas é no contexto da sociedade civil que se exerce a participação cidadã, na busca de direitos sendo e corresponsabilidades.

Além destas dificuldades é importante que o município tenha uma boa estrutura institucional como também recursos financeiros garantidos na legislação municipal para o enfrentamento dos desastres e emergências. Planejar para reduzir as vulnerabilidades e os riscos requer instrumentos legais para o controle e ocupação do solo para que a gestão do município se efetive no local.

Outra questão importante, para a implementação das ações nas propostas acima é a integração de secretarias nas suas diversas esferas governamentais. Isso exige a corresponsabilidade, maior envolvimento do poder público, comunicação e estratégias de prioridades de intervenção.

3. A EVOLUÇÃO URBANA DAS CIDADES

Devido a sua posição estratégica, Sorocaba tornou-se um marco obrigatório para os tropeiros,¹² eixo econômico entre as regiões Norte, Nordeste e Sul. A inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) em 1875 iniciou o processo de instalação das indústrias têxteis de origem inglesa, em que a cidade ficou conhecida como a Manchester Paulista. A partir da década de 1970 o parque industrial foi diversificado.

A construção de dois eixos rodoviários, a Rodovia Raposo Tavares, em 1954 e a Rodovia Castelo Branco, em 1967, interligando a cidade com a capital paulista e outras regiões dá início a instalação de um expressivo parque industrial no município. O deslocamento de indústrias para interior paulista consistia em diminuir os custos de produção e obter mais lucros na comercialização. A região de Sorocaba e seus acessos rodoviários ganharam um caráter interregional. A expansão de rodovias foi uma estratégia orientada pela racionalidade econômica dominante daquela época. Sorocaba, entre 2000 e 2010, registrou uma taxa de crescimento de 1,8% ao ano, maior que a média do Estado de São Paulo que é de 1,1%. Enquanto a densidade geográfica de Sorocaba é 1.305,5 hab./km² a média do Estado de São Paulo é de 166,2 hab./Km² (SEADE, 2011).

Em 2005, foi protocolado o Projeto de Lei n. 33/2005 propondo a criação da Região Metropolitana de Sorocaba, que passaria a integrar 17 municípios.¹³ O que se observa é que a Aglomeração Urbana de Sorocaba cresce e se transforma em formas espaciais metropolitanas.

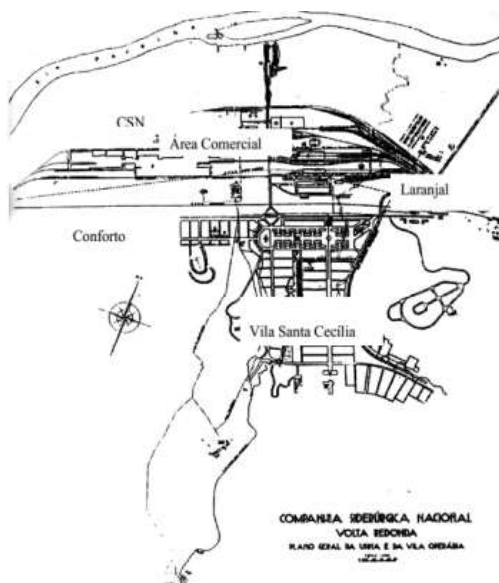
A primeira mancha urbana desenvolveu-se ao redor da Estação Ferroviária, ou melhor, ao longo da linha férrea, no sentido leste-oeste. O que se constata é que tres elementos físicos foram condicionantes para a configuração espacial da cidade: o rio Sorocaba que corta a cidade norte-sul, a Rodovia Raposo Tavares que corta a cidade no extremo sul no sentido leste-oeste e a linha férrea que corta o centro da cidade no sentido leste-oeste. A Rodovia Raposo Tavares vem sendo duplicada em toda Região de Sorocaba, o que evidencia a importância desta rodovia para o desenvolvimento.

Já Volta Redonda, conhecida como a “Cidade do Aço”, foi criada na década de 1940 para sediar a usina siderúrgica nacional. Foi a primeira cidade construída no Brasil, planejada nos moldes de uma cidade industrial. O Estado assumiu a construção de novas cidades, em especial Volta Redonda, que tem como

¹² Tropeiro é aquele que conduz as tropas de muare, cavalos, entre as regiões de produção e os centros consumidores. Antes das estradas de ferro, o comércio de mercadoria era realizado pelos tropeiros.

¹³ Dos 17 municípios 10 integram a Aglomeração Urbana de Sorocaba: Alumínio, Araçariguama, Iperó, Itú, Mairinque, Salto, Salto de Pirapora, São Roque, Sorocaba e Votorantim. Fazem parte ainda da RA de Sorocaba: Porto Feliz, Araçoiaba da Serra, Piedade, Boituva, Ibiúna, Capela do alto

referência La Cité Industrielle de Tony Garnier. Assim, “Attilio Corrêa Lima, responsável pelo projeto estabeleceu o traçado geral da cidade, a classificação e uso dos espaços e as tipologias construtivas a serem adotadas”. (SOUZA, 1992, p.15).



Desenho de Attilio Corrêa Lima-plano geral da usina e da Vila Operária (SOUZA, 1992, p.65)

Ao lado se projetar uma cidade para o trabalhador, a usina construiu espaços de entretenimento, hospital, escolas, cinema e praças, além das moradias.



A construção da usina e da cidade
Fonte: Prefeitura de Volta Redonda

A construção da CSN, em princípio, estabeleceu duas áreas, a cidade oficial, sendo aquela construída pela usina, (a típica company town), e outra, com o fluxo crescente de população ao norte do município, a “cidade velha”, à margem esquerda do rio Paraíba do Sul, contrastando com a cidade operária.

Volta Redonda foi projetada para abrigar 20.000 pessoas, mas a expansão da CSN promoveu uma crescente atração de mão-de-obra e consequentemente a expansão do mercado imobiliário local à procura de novas áreas. Desde da década de 1946, quando foi inaugurada a Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, Volta Redonda contou com fases diferentes de expansão urbana, o que resultou em mudanças territoriais, tais como o surgimento de bairros novos ao redor da cidade operária planejada. A população, em torno de 3.000 habitantes no início da década de 1940, passou a 35.964 habitantes no ano de 1950, alcançando o patamar de 235.000 habitantes em 2000 (PMVR, 2002). O centro da cidade foi densamente ocupado, margeando a linha férrea (RFFSA) e pela rodovia BR-393, que cruza o centro da cidade. Os anos

seguintes, mais especificamente no final da década de 1980, surgem novos bairros no setor sul sinalizando um novo vetor de expansão.

Importante para nossa análise é apreender os aspectos sociais e históricos destas cidades numa perspectiva de trazer as diferentes atividades produtivas e sociais e seu reatamento no espaço.

3.1.Um olhar sob a ótica econômica

Volta Redonda¹⁴ teve seu apogeu econômico entre 1960 a 1990. Cabe considerar que é uma cidade monointustrial. Na década de 1990 quando ocorreu a privatização, a população local sofreu grandes impactos socioeconômicos. Ao lado deste fato, ocorreu a entrada no cenário nacional de empresas que ocuparam um lugar bem maior na economia brasileira, como também uma ênfase em outras formas de produção. Isso se deve à chamada inserção competitiva no país que rompe com uma base econômica nacional, nos anos 1990, com a política de abertura comercial.

Já Sorocaba¹⁵, é uma cidade que conta com uma diversidade de indústrias (automobilísticas, mecânicas, telecomunicações, entre outras). Em seu desenvolvimento, a produção do café, depois a indústria têxtil, siderurgia e atualmente a cidade dispõe de um pólo industrial bem diversificado.¹⁶ Além disso, Sorocaba destaca-se no processo de metropolização e, por ser uma cidade pólo, desempenha um papel importante dentro da Região Administrativa de Sorocaba, composta por 79 municípios e considerada a de maior extensão territorial do Estado.

4.METODOLOGIA

Para este primeiro momento, o referencial teórico contará com autores que tratam dos conceitos chave na questão de pesquisa. Dentre as abordagens da geografia humana, David Harvey (2014,2006) que considera a produção do espaço, como parte da dinâmica da acumulação do capital. Procurando compreender a cidade, suas relações, os reflexos da globalização.

Para o aprofundamento dos processos e as contradições no espaço, os conflitos de interesses do capital nossa referência será Lefebvre (2001e1996) que centrou seus estudos na ideia da reprodução das relações sociais de produção, e vê o espaço como um produto das relações humanas, em que a cidade é condição da reprodução do capital e é também produto das relações sociais.

Para o entendimento dos resultados das Conferências da Organização das Nações Unidas - ONU e, o conceito de desenvolvimento sustentável nos apoiaremos em Selene Herculano (2006). Para a discussão do conceito de sustentabilidade, justiça ambiental, Acsegrad (2001-2004), com seus estudos sobre a relação entre sustentabilidade e desenvolvimento das cidades, é nossa principal referência. Outros autores, pela discussão da cidade, cidade justa e justiça espacial, Edward Soja (1983), Susan Fainstein (2010), Peter Hall (1995), Ana Fani (2014).

¹⁴ Volta Redonda foi criada para sediar a Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, o grande e estratégico empreendimento de Vargas para alavancar o desenvolvimento da economia brasileira. Esta relação entre cidade e empresa, que permaneceu por muitas décadas, foi ao longo do tempo apresentando suas contradições. A cidade nasceu e cresceu em função da usina siderúrgica.

¹⁵ O primeiro povoado com nome de Sorocaba foi fundado em 15 de agosto de 1654, com a instalação dos Beneditinos de Parnaíba que construíram um convento e uma escola, para funcionarem como um centro gerador de cultura. O povoado foi elevado a município no dia 3 de março de 1661, passando a chamar-se Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba momento em que é instalada a primeira Câmara Municipal. Até então, a principal fonte de renda era o comércio de índios, como escravos. A partir do século XVII, foi gradativamente substituída pelo comércio de mulas.

¹⁶ A indústria têxtil, que conferiu o título de "Manchester Paulista" à cidade e impulsionou os ideais capitalistas no início do século 20, entrou em franco declínio nos primórdios da década de 1970 e o município viu-se, então, obrigado a diversificar o seu parque industrial, constituído hoje por aproximadamente 1500 empresas, dos mais variados segmentos. Sorocaba conta ainda com aproximadamente 13 mil pontos de comércio e em torno de 4500 prestadores de serviços. Sorocaba desponta hoje com os melhores índices estaduais e nacionais, conquistando o lugar de quarta maior potência do interior de São Paulo, sendo responsável por 1,56% do Produto Interno Bruto paulista. Ocupa ainda o quinto lugar do desenvolvimento econômico do Estado, com investimentos na ordem de quase 5,5 bilhões de reais (Fundação Seade, 2010).

Para compreender estas premiações é necessário conhecer os indicadores e o que é considerado relevante para elevar a cidade a um patamar melhor do que a existente visando assegurar a cidade boa de se viver. É bem verdade, que estes indicadores merecem um olhar mais atento, ou seja, terá que se observar o contexto em que foram criados.

Para integrar o Projeto Ambiental Estratégico Município VerdeAzul – PMVA o município ao assinar o “Protocolo de Intenções”, estabelece uma parceria com a Secretaria de Meio Ambiente, que determina ações necessárias para que este seja certificado como ‘Município Verde’. Em 2008, Sorocaba ficou em 148º lugar, em 2009 36º lugar, em 2010 7º lugar, 2011 em 3º lugar, 2012 2º lugar e 2013 ficou em 1º lugar. Já em 2014 foi para o 4º lugar. Cabe destacar que em 2013 o Município VerdeAzul contou com 587 municípios cadastrados, dos quais 489 entregaram planos de ação e foram avaliados.

As ações propostas pelo PMVA integram dez Diretivas constituídas dos seguintes temas: Esgoto Tratado, Resíduos Sólidos, Biodiversidade, Arborização Urbana, Educação Ambiental, Cidade Sustentável, Gestão das Águas, Qualidade do Ar, Estrutura Ambiental e Conselho Ambiental. E, a cada ano, novas diretrizes e estratégias são acrescentadas às diretivas compostas do Projeto.

O ‘Esgoto Tratado’ além da coleta deverá implementar o tratamento adequado de 100% dos esgotos sanitários na área urbana do Município. Quanto aos ‘Resíduos Sólidos’ a ação é coletar e dar destinação adequada a 100% desses resíduos, que envolvem os resíduos domésticos, de serviço de saúde, varrição e poda e resíduos da construção civil e incentivar a coleta seletiva no município.

A Diretiva ‘Biodiversidade’ dialoga com os princípios e diretrizes da Política Nacional de Biodiversidade. No que se refere à ‘Arborização Urbana’ a meta é realizar o plantio em área urbana e aumentar o índice de projeção de copa na área urbana do município, para 20%, até dezembro de 2019. No que se refere à Educação Ambiental a perspectiva é aprimorar o programa de educação ambiental na rede pública de ensino municipal, nos Parques bem como junto à totalidade dos habitantes de Sorocaba.

A Diretiva ‘Cidades Sustentáveis’ tem como meta incorporar conceitos de sustentabilidade ambiental, reduzindo a demanda por recursos naturais não renováveis e promover o consumo sustentável. A ‘Gestão das Águas’ consta de ações para promover o uso racional da água, visando combater o desperdício desse recurso natural, reduzir as perdas no sistema de abastecimento ao patamar de 25% e proteger os mananciais de abastecimento público. Outra Diretiva é a ‘Qualidade do Ar’ que direciona as ações para o controle da emissão de poluentes atmosféricos e de gases do efeito estufa.

As últimas tratam da ‘Estrutura Ambiental’ para planejar, implantar e gerenciar a política municipal de proteção ambiental e dos recursos naturais e o ‘Conselho Municipal’ que deverá além de assegurar a participação da sociedade em termos paritários deverá ser de forma consultiva e deliberativa.

Já o Programa Cidades Sustentáveis conta com 12 eixos: Bens Naturais, governança, Equidade, Justiça social e Cultura de paz, Gestão Local para Sustentabilidade, Planejamento e Desenho Urbano, Cultura para a sustentabilidade, Educação para a Sustentabilidade e Qualidade de Vida, Economia local, Dinâmica, Criativa e Sustentável, Consumo sustentável e opção de estilo de Vida, Melhor mobilidade e menos tráfego, Ação Local para a saúde, Do local para o global.¹⁷

Cada cidade participante do Programa Cidade Sustentável terá que realizar uma adesão ao Programa. Para os signatários da carta-compromisso, foi desenvolvido um sistema para o preenchimento do relatório dos 100 indicadores básicos. Cabe então ao município fornecer as informações que são coletadas em diversas instituições, tais como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE, secretarias

¹⁷ Conferências e cúpulas de alto nível da ONU que legaram sólidas fundações para o desenvolvimento sustentável e ajudaram a dar forma a esta nova Agenda. São elas: a Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento; a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável; o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, a Plataforma de Ação de Pequim; e a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20). Quarta Conferência das Nações Unidas sobre os Países Menos Desenvolvidos; a Terceira Conferência Internacional sobre os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento; a Segunda Conferência das Nações Unidas sobre Países Sem Acesso ao Mar; e a Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Redução de Riscos de Desastres.

federais, estaduais e municipais entre outras. A metodologia utilizada na avaliação e classificação dos municípios envolve, entre outros critérios, a qualidade e confiabilidade dos dados fornecidos, a série histórica de acompanhamento das metas e a transparência nas informações publicadas.

1-qualidade e confiabilidade dos dados preenchidos;

2-quantidade de dados preenchidos;

3-quantidade de novos indicadores cadastrados;

4-adequação do programa de metas ao diagnóstico de indicadores;

5-adoção de indicadores regionalizados (por distritos, bairros e/ou regiões administrativas);

6-quantidade de anos da série histórica dos indicadores;

7-disponibilização/divulgação/comunicação para a sociedade

8- formato de apresentação dos dados

Volta Redonda no ranking da Delta Economics¹⁸ & Finance/América Economia (empresa de consultoria econômica e financeira), ficou em 36º lugar entre as 100 melhores cidades brasileiras que fazem parte do BCI-100¹⁹ foram selecionadas a partir do ordenamento das cidades com base na população residente, considerando-se os 33 variáveis utilizadas na caracterização dos municípios, como um Raio X do município:

População rural	Despesas pagas correntes
População urbana	Despesas pagas de pessoal e encargos sociais
População total	Despesas por função com saúde
Taxa de urbanização	Despesas por função com educação
Produto Interno Bruto	Despesas com saúde/população
Sexo do prefeito	Despesas com educação/população
Idade do prefeito	Total de centros de saúde/unidade básica
Escolaridade do prefeito	Total de pronto-atendimentos
Partido do prefeito	Total de pronto-socorro geral
Funcionários da administração direta	Total de tomógrafos
Funcionários da administração indireta	Número de leitos
Total de funcionários	Total de médicos ativos
População economicamente ativa	Total de dentistas
Receita orçamentária	Taxa de analfabetismo da população de 11 a 14 anos de idade
Receita corrente	Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade
Receita de transferências correntes	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Despesas pagas orçamentárias	

A coleta de dados para análise destes programas, reconhecendo os programas/ações que premiam as cidades de Sorocaba e Volta Redonda se dará por meio do uso de fontes primárias oficial além de

¹⁸ Fundada em 2000, a Delta Economics & Finance é uma empresa brasileira de consultoria econômica e financeira. Sua missão é oferecer soluções de qualidade aos seus clientes mediante um compromisso com a ética, a inovação, Além disso, a Delta elabora estudos e pesquisas sobre temas econômicos, financeiros e operacionais. Dentre eles, *rankings* de empresas e cidades.

¹⁹ Especificamente, o BCI-100 é formado por 10 dimensões (sub-ordenamentos), cada uma delas associada às principais características de um conjunto de variáveis (atributos), quais sejam: geral, governança, bem-estar, econômica, financeira, domicílio, saúde, educação, segurança e digital. O BCI-100 é um índice geral de desenvolvimento econômico e social de cidades, calculado a partir de 10 índices parciais (um para cada dimensão). As informações foram coletadas em agosto/setembro de 2014. A data-base para elaboração do BCI-100 é 15/08/14

documentos disponibilizados nos sítios do governo federal, estadual das prefeituras: planos estratégicos, anuários, relatórios de prestação de contas.

A principal de nossas hipóteses é que as cidades premiadas por meio dos Programas acima citados não dialogam com a população local. Esta pesquisa, portanto, procura desvendar outros elementos que não foram considerados, dentro da perspectiva das pessoas que ali vivem. Assim, podemos investigar se os indicadores mensurados deixaram de abordar aspectos relacionados à integração do homem com a cidade.

Para tanto, a pesquisa de campo visa investigar junto aos moradores de Sorocaba e Volta Redonda, o conhecimento e entendimento destas premiações por estes. Esta investigação será por meio de um questionário, com perguntas constituídas de aspectos dicotômicos e abertas direcionado á diversas faixas etárias e classes sociais.

Outra será investigação qualitativa por meio de entrevistas, semiaberta, junto aos técnicos que coordenaram estes Programas no município buscando investigar as facilidades e dificuldades na implementação e a importância destes para a gestão ambiental municipal. Como informação complementar, investigar quais os fatores que consideram relevantes para tal classificação.

4.1. A Questão Central da Pesquisa

Se os modelos das cidades se apresentam como cidades melhores, é fundamental investigar como é entendida a dimensão sustentabilidade. Se as cidades são premiadas como as melhores do Brasil, investigaremos como realmente refletem as premiações nestes locais. De posse deste entendimento buscaremos a possibilidade de sistematizar um instrumental de projeto sustentável, práticas projetais, base para as políticas públicas e os planos. Ainda nesta linha, importante analisar comparativamente as propostas/modelos de cidades e identificar as diferenças e semelhanças presentes. (Novo Urbanismo, Compacta, Inteligente e Resiliente); Identificar a partir das propostas/modelos de cidades como é entendida a dimensão sustentabilidade e aspectos comuns nas propostas; Avaliar criticamente e comparar as metodologias de identificação de cidades sustentáveis, inclusive o IDH; Analisar os indicadores contemplados nas metodologias com as cidades reais: Sorocaba e Volta Redonda; Analisar como a população local vê a cidade premiada (desconstrução de modelos de cidade/cidades premiadas); Identificar a possibilidade de sistematizar um instrumental de projeto, práticas projetais, base para as políticas públicas.

5. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Nos últimos anos, cada vez mais as pessoas estão vivendo nas cidades. Se as cidades são feitas pelas pessoas e são para as pessoas, cabe a elas transformá-las para o seu bem-estar. E, se as pessoas estão vivendo em cidades, como estão vivendo? Estão tendo uma boa relação com o lugar em que moram?

Apresentamos as propostas, estratégias de cidades numa perspectiva de compreendê-las buscando investigar quais os aspectos que podem de fato contribuir para uma cidade sustentável, analisando-as comparativamente. Alertamos que os espaços ideais não são condicionantes para sociedades ideais, mas sim, que as cidades são dinâmicas e vão além das estruturas compartimentadas. Entendendo que a prática espacial revela o espaço desta sociedade.

Como se tratam de duas cidades premiadas, ao buscar os reflexos destas premiações buscaremos identificar a distancia entre ações do governo e os desejos da população. O que se nota é que nossas cidades estão cada vez mais distantes de promover oportunidades para a vida pública, pois parece que os espaços atualmente produzidos não favorecem os encontros, inviabilizando as experiências de vida com o outro.

Nossa hipótese principal é que a cidade que foi elevada à categoria de cidade sustentável não dialoga com a população local e, portanto, assim desvendar outros elementos que não foram considerados, dentro da perspectiva das pessoas que ali vivem. Outra hipótese seria de que os indicadores mensurados não abordaram aspectos relacionados à integração do homem com a cidade, entre elas: participação, segurança e usos dos espaços públicos, entre outros.

Cabe perguntar, estes prêmios refletem no bem estar no cotidiano da população local? Uma das premissas fundamentais para uma cidade sustentável é a participação da população local nos processos decisórios. A

simbiose entre usina e cidade de Volta Redonda contribuiu para que os destinos deste município estivessem atrelados com o desenvolvimento da usina, ou seja, a gestão pública local contou, por muitas décadas, com técnicos retirados do quadro técnico da empresa para tal. Este fato dificultou a participação nos destinos da cidade.

Sorocaba é uma cidade em ascensão econômica e com a forte presença de empresários e o setor de serviços. Desde o início da década de 1920, a elite comercial vem promovendo, por meio de intervenções urbanas, a construção de uma nova imagem de Sorocaba que está diretamente relacionada com os projetos de modernização do país. Este movimento dialoga com a ideia de progresso que vem acompanhado do crescimento do parque industrial têxtil. Estas indústrias se instalaram na cidade e um novo discurso é atribuído à cidade, a “Manchester Paulista”. O discurso que sustentava este novo cenário era constituído pelos interesses políticos, econômicos e sociais daquela época. Onde estão os interesses do cidadão que ali vive? Foram contemplados nas premiações?

Em que momento na curva da trajetória da história destas cidades os pontos se encontram e quais elementos fazem parte de uma cidade sustentável?

Por outro lado, nas décadas de 1940 e 1950, os esforços do país estavam voltados para industrialização não interessando a inserção da dimensão ambiental naquele momento. Nas décadas seguintes o Brasil vivia um período de intenso desenvolvimento. No que se refere à gestão local, identifica-se fatores determinantes que contribuíram para o afastamento da dimensão ambiental nas políticas públicas tanto em Volta Redonda como em Sorocaba. Até porque, enquanto a política desenvolvimentista se fez presente em Volta Redonda, em Sorocaba ocorria a fixação de indústrias de bens de consumo em seu território.

Desvendar elementos necessários para uma cidade sustentável requer pensar na possibilidade de construção de projetos inovadores? E, quais seriam eles? É importante investigar para responder com um olhar atento, pois a vida na cidade é permeada pelo modo de produção capitalista.

Ao abordar questões referentes à integração do homem com a cidade, está se falando de vínculos que são estabelecidos no cotidiano, pois é no cotidiano que se encontra a possibilidade de realizar, como prática social, o exercício do direito à cidade.

BIBLIOGRAFIA

ACSELRAD, H. *Sentidos da sustentabilidade urbana*. In, A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. (27-55), Rio de Janeiro: DP&A.

CARLOS, A.F.A. (2014) *A produção do espaço urbano – Agentes e Processos, Escalas e Desafios*. Editora Contexto. São Paulo

CHOAY, F. (2003). *O urbanismo: Utopias e Realidades uma antologia*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

CARLOS, A. F. A. (1996). *A Produção do Espaço Urbano*. São Paulo: Edusp.

CHOAY, F. (2003). *O urbanismo: Utopias e Realidades uma antologia*, 5ª ed. Editora Perspectiva S.A, São Paulo.

ELIZABETH. B. (2000). *The Potencial of the compact city for promoting social equity. Achieving sustainable urban Form*. Londres: E&FN Sponn. <http://www.china-up.com:8080/international/special/pdf/8.pdf> (consulta: 12/01/2016)

HALL.P. (1995) *Cidade do Amanha- Uma história do intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. Editora Perspectiva. São Paulo

FARIAS. J.A.F. (2015). *Eco-urbanismo: uma revisão sobre outras formas de pensar a cidade*. In ANPUR, 2015, Belo Horizonte. Anais do XVI.

GEHL, J. (2014). *Cidade para as Pessoas*, 2ª ed. Editora Perspectiva.

HARVEY, D.(2014) *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes-selo Martin.

___:(2014) *Espaços de Esperança*. São Paulo: Edições Loyol. 382 p.

___: (2004) *Mundos Urbanos Posíveis. Lo Urbano, em 20 autores Contemporâneos*. Barcelona: Ramos Angel Martin. Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona.

HERCULANO, S.(2006). *Em busca da boa sociedade*. 2006, EDUFF, 426 pp.

JACOBS, J. (2011). *Morte e vida de grandes cidades*.3ª ed. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo.

LEITE, C. (2012).*Cidades Sustentáveis, Cidade Inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano*. Bookman, Porto Alegre.

LEFEBVRE, H.(2001). *O Direito à Cidade*. Ed. Centauro. São Paulo.

___:(1999) *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG.

MACEDO, A. C. *A carta do Novo Urbanismo norte-americano*. Arqtextos, São Paulo, 07.082, Vitruvius, mar.2007 <http://vitruvius.com.br/read/arqtextos/07.082/262> (consulta: 18/01/2016)

___: *O Novo Urbanismo na Europa*. Arqtextos, São Paulo, 08.094,Vitruvius, mar.2008. <http://vitruvius.com.br/read/arqtextos/08.094/158> (consulta: 18/01/2016)

MASSEY, D. (2008). *Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.

MICHAEL, N.(2005).*The compact city fallacy*.*Journal of Planning Education and Research*. v.25, nº1, <http://understandtheplan.info/wp-content/uploads/2014/08/The-Compact-City-Fallacy.pdf>.(consulta:02/02/2016)

REZENDE,V L F M.(1982). *Planejamento Urbano e Ideologia*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

ROGERS.R. (2016). *Cidades para um pequeno planeta*. 2ª ed. Saraiva. São Paulo.

ROMERO. M.A.B. (2003). A sustentabilidade do ambiente urbano da capital. In PAVIANI, ALDO E GOUVÊA, LUIZ ALBERTO (orgs). Brasília: controvérsias ambientais. Brasília: Editora UNB.

SANTOS, M. (2006) *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*,4ª. ed. 2. reimpr, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

___: (1987) *O espaço do cidadão*. Nobel, São Paulo.

SECCHI, B. (2006) *Primeira Lição do Urbanismo*. São Paulo. Editora Perspectiva SA.

SOJA, E.(1983). *Uma Interpretação Materialista da espacialidade*. In BECKER, B. HAESBAERT, R. SILVEIRA, CARMEN. Abordagens Políticas da Espacialidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

___: (1993) *Geografias Pós-modernas: A reafirmação do espaço na Teoria Social Crítica*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

SECCHI, B. (2006). *Primeira lição de urbanismo* (1ªed). São Paulo: Perspectiva.

SOUZA, C. V. C. (1992). *Pelo espaço da cidade: Aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda*. Rio de Janeiro, 1992. 206 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

UNISDR. (2012). *Como Construir Cidades Mais Resilientes: Um Guia para Gestores Públicos Locais. Uma contribuição à Campanha Global 2010-2015 Construindo Cidades Resilientes* – Minha Cidade está se preparando! Genebra, 2012.

Fontes Eletrônicas

https://www.cnu.org/sites/default/files/cnucharter_portuguese.pdf (consulta:10/10/2015)

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1633023-cidade-inteligente-nao-e-garantia-de-melhorias-sociais-diz-urbanista.shtml> (consulta: 05/12/2015)

<https://urbanismo3ubb.files.wordpress.com/2013/03/04-el-reino-de-lo-urbano-y-la-muerte-de-la-ciudad.pdf> (consulta: 11/12/2015)

http://www.contemporaryurbananthropology.com/pdfs/Mumford,%20What%20is%20a%20City_.pdf (consulta: 15/12/2015)

<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1250/1224>. (consulta: 20/12/2015)

www.nsl.ethz.ch/index.php/en/content/download/320/1971/file/. (consulta: 18/12/2015).

<http://www.ual.es/Universidad/CGT/pagina/SALA%20DE%20LECTURA/bookchin-seis-tesis-sobre-municipalismo-libertario.pdf>. (consulta: 08/01/2016)